

Apresentação

EM 1915, APÓS UM PERÍODO DE perseverante solidão diante da hostilidade com que a psicanálise havia sido recebida pela comunidade científica de sua época, Sigmund Freud formula, de modo mais confiante, otimista e iluminado, os conceitos fundamentais de sua teoria nos textos intitulados “Artigos de metapsicologia”. Com eles, a psicanálise se estrutura e se torna um dos bastiões da vanguarda do século XX: a revolução da razão, a reconsideração do lugar da linguagem, a renovação que faltava à clínica psicológica, o esteio no qual o campo psi pôde assentar-se, a queridinha da arte moderna e o arauto da liberação sexual e dos movimentos feministas relativos à sexualidade, à parentalidade, à constituição familiar, ao questionamento político da formação dos grupos e à transitoriedade.

A lista de mudanças trazidas na esteira dessa teorização é imensa, e todas elas, para fazer jus à leitura de Jacques Lacan, se baseiam, como cabe a uma estrutura, numa conceituação que jamais deixa de comparecer na evolução da teoria. A princípio, são três os conceitos, inconsciente, pulsão e recalque, cujas articulações se desdobram em outros, como desejo, objeto, transferência, repetição, sintoma, sujeito, eu, Outro e identificação, os quais, por sua vez, remetem a temas capitais na prática, na teoria e na transmissão: interpretação, resistência, demanda, (in)satisfação, gozo, amor, ódio e outra vez desejo; desta vez, desejo do analista.

O edifício é grande, porém os alicerces, ainda que continuamente contestados, pois a psicanálise é sempre causa de debate, continuam firmes, sustentando uma prática clínica enriquecida pelas contribuições dos próprios psicanalistas para fazer frente a mais um século, nas quais se destaca a renovação propiciada por Lacan. Ele não apenas reinventou a psicanálise, como

também demonstrou que ela pode reinventar-se continuamente, pois opera, como teoria, da mesma forma que os conceitos que decorrem de sua teorização. A psicanálise tem pulsão, circula, sofre recalques, tentativas de forclusão e se transmite apesar disso; interpreta-se, constrói saber a partir de um não sabido, transfere libido, contagia com desejo e produz novos objetos.

Não por acaso, Lacan iniciou o seu ensino sob a égide de um retorno a Freud porque a psicanálise pós-freudiana, em seu juízo, havia chegado a um impasse mental e prático quanto ao legado do responsável pela fundação de seu campo. Nesse sentido, ele entendeu que sua proposta equivalia à submissão da psicanálise ao esquema operacional que ela própria ensinou, figurando o problema da neurose num segundo grau. A *resistência* dos psicanalistas à experiência que os conceitos freudianos se punham a transmitir se expressou, por exemplo, em derivas psicológicas que ele criticou, entre as quais a do eu autônomo e a do objeto genital, que desalojavam de bom grado o prefixo *meta* forjado por Freud.

O Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) não deixou passar o centenário da metapsicologia de Freud sem fazer uma homenagem ao fecundo trabalho realizado em 1915, que resultou, entre inúmeras outras coisas, nesta coletânea, principiada com uma nova tradução de seu texto “Transitoriedade”, concluído no mês de novembro daquele mesmo ano. Nesse texto, pode-se apreender o que do transitório inerente ao belo se estende às ideias, aos conceitos e aos valores. Escrito para participar de uma coletânea que buscava preservar a fé no mundo espiritual alemão e a amor à pátria de Goethe, encontra-se referido ao período altamente crítico em que a Primeira Guerra Mundial revelava sua face destrutiva e feroz na Europa, bem como ao que se buscava manter e ao que se perderia da riqueza artística e conceitual de então. Embora não seja um dos artigos metapsicológicos de 1915, optamos por incluí-lo nesta homenagem porque evoca a força da reflexão e da perspicácia de Freud, bem como deixa ver modos pelos quais os temas e conceitos a ele relacionados podem ter contribuído para causar em Lacan o desejo de relê-los, permitindo à psicanálise manter seu vigor no século posterior ao de sua criação.

Em seu caráter pontual e impermanente, as contribuições aqui reunidas certamente se valeram dessa releitura. Na primeira parte, revisita-se o conceito de inconsciente, trabalhando-se o que Lacan indicou de sua estrutura de linguagem, expressa na bela imagem do cristal estilhaçado, assim como em seu espaço topológico e em sua presença como acontecimento de corpo. Na segunda, retoma-se o conceito de pulsão (*Trieb*) desde a histórica dificuldade de traduzi-lo até sua articulação *êxtima* com a linguagem, que levou

Lacan a afirmar que as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Ainda nessa parte, discute-se o dualismo pulsional tratado por Lacan como gozo, a fim de abordar-se a questão do mal e da violência, inclusive em suas manifestações mais comuns, como a das parcerias amorosas que seriam mais bem ditas *amodiosas*. A terceira e última parte se dedica ao recalque e seus avatares: seu fracasso na forma de forclusão, o que dele escapa e retorna repetitivamente como sintoma, e o que se transforma na concepção lacaniana de *sinthoma*, na qual a fantasia desaparece em seu caráter fixado, para dar lugar à ficção que não repete, mas reitera um gozo mais da ordem da satisfação, menos mortífero e, portanto, mais factível de dar à luz a arte e a alegria de viver, amar e trabalhar.

Assim, dedicamos esta coletânea aos jovens que se aproximam da psicanálise, àqueles que avançam em seus estudos e em sua prática clínica, e aos psicanalistas já experientes que ainda se espantam, admirados, com o valor e a qualidade duradoura de seus conceitos e efeitos.

HELOISA CALDAS
VINICIUS DARRIBA